

***DA VIDA E OUTRAS VIAGENS... A relevância das metáforas
conceptuais na abordagem de uma língua estrangeira¹***

ANA MARGARIDA ABRANTES

1. Introdução

Não é preciso ser dono de uma criatividade genial para entender o título da comunicação que aqui se apresenta. Que a vida é comparada a uma viagem, também não parece constituir novidade. Da mesma forma que entendemos que TEMPO É DINHEIRO (que interessa, por isso, *poupar* para *gastar* com o que realmente importa), UM DEBATE É UMA BATALHA (onde as partes se *atacam e defendem*) ou uma TEORIA É UM EDIFÍCIO (construída sobre os *alicerces* de uma investigação *sólida*).

Mais do que artifícios de retórica, expressões como estas fazem transparecer a força criadora inerente à linguagem de todos os dias, que não é mais do que um reflexo da maneira como conceptualizamos o mundo à nossa volta. Assim, a metáfora não é apenas um uso anormal (no sentido de 'invulgar', 'fora do comum') das palavras de todos os dias, que apoia a descrição poética do real, tal como era concebida pelos teóricos clássicos, desde Aristóteles. A metáfora não é uma mera questão de linguagem, mas antes uma questão de pensamento. Por isso, um olhar atento sobre a linguagem corrente bastará para que se reconheça o valor e a frequência de expressões metafóricas. A este olhar não poderão ser alheios aqueles que de mais perto lidam com as questões da linguagem. Neste sentido, além dos linguistas, este assunto interessa também àqueles que fazem do ensino de língua estrangeira a sua profissão. É que as metáforas são um fenómeno recorrente, que ultrapassa os limites de uma comunidade linguística. Arriscar-se-ia dizer até que estão presentes em todas as línguas, apontando para semelhanças interculturais de conceptualização e expressão do real.

Na apresentação que se segue procurar-se-á fazer um ponto de situação do estudo da metáfora como estrutura conceptual, integrando-

¹ Texto da comunicação apresentada no IV Simpósio de Culturas e Literaturas, *A Universidade no Novo Milénio* (Faculdade de Letras da Universidade Católica Portuguesa, Viseu, 15 a 17 de Março de 2000).

o no recente paradigma em Linguística, a Linguística Cognitiva. A partir desta descrição, considerar-se-ão algumas implicações desta teoria para o ensino de língua estrangeira.

2. A Linguística Cognitiva – um novo paradigma de estudo da linguagem

A Linguística Cognitiva propõe uma abordagem alternativa da linguagem como meio de conhecimento da realidade, assente na experiência mais concreta (física) sobre o mundo. No âmbito deste novo paradigma em Linguística, a linguagem não é uma faculdade humana autónoma, um sistema independente, mas antes uma capacidade em interacção com outras, nomeadamente a cognição e a conceptualização. O uso linguístico ultrapassa os limites da funcionalidade comunicativa, assumindo-se antes de tudo como o meio de conceptualizar a realidade e de reflectir essa conceptualização. E porque esta é um processo organizado e assente em experiências colectivas (sociais e culturais), por um lado, e individuais (físicas e epistemológicas), por outro, a Linguística Cognitiva não pode nem pretende trabalhar isolada de outras ciências. Pelo contrário, a riqueza desta alternativa em Linguística resulta da interdisciplinaridade em que surgiu e se tem vindo a desenvolver. Os estudos em Linguística Cognitiva inserem-se num plano mais abrangente da Ciência Cognitiva, em que interagem várias áreas de investigação, como a Psicologia, a Antropologia ou as Neurociências.

O arranque da Linguística Cognitiva fez-se na transição da década de 70 para os anos 80. Surgiram então os estudos em Psicolinguística de Eleanor Rosch, que apontam para uma nova visão sobre a estrutura das categorias conceptuais, baseadas em representantes centrais ou protótipos. O interesse pela visão cognitiva da linguagem expandiu-se, tendo surgido estudos vários, sobretudo na Europa e nos Estados Unidos. Entre estes contributos destacam-se as obras de George Lakoff (1987, 1993, Lakoff e Johnson 1980), Ronald Langacker (1987, 1991), Leonard Talmy (1988), Mark Johnson (1987), Dirk Geeraerts (1997, Geeraerts, Grondelaers e Bakema 1994, Geeraerts e Grondelaers 1995), Anna Wierzbicka (1992, 1996), Raymond Gibbs (1996) ou Gilles Fauconnier (1997, Fauconnier e Sweetser 1996). Os estudos destes e de cada vez mais investigadores estendem-se por áreas com a Semântica, a Lexicologia, a Sintaxe, a Linguística Histórica e a Semântica Intercultural, e inserem-se num quadro mais

abrangente de investigação em Ciência Cognitiva, de que nos orgulhamos ter um representante reconhecido internacionalmente, António Damásio, autor de inúmeros trabalhos em Neurologia, de que destacamos *O Erro de Descartes*. O carácter 'cognitivo' desta nova abordagem em Linguística advém da procura de uma relação entre a experiência do domínio físico, a natureza conceptual do pensamento e a arquitectura da linguagem.

O interesse crescente pela perspectiva cognitiva na análise linguística também se verifica em Portugal, sendo de referir os trabalhos de Augusto Silva (1995, 1996, 1997 e 1999), na área da Semântica Lexical, de Hanna Batoréo (1996), no campo da Psicolinguística, os estudos sobre a gramaticalização, de José Pinto de Lima (1989), e os trabalhos ao nível da Sintaxe de Maria Clotilde de Almeida (1995).

Entre as áreas de interesse da Linguística Cognitiva, podem apontar-se as seguintes:

- ?? No âmbito da Semântica Lexical, a estrutura das categorias lexicais, a que pertencem elementos organizados em função do seu grau de representatividade (dos membros centrais da categoria ou protótipos, aos elementos periféricos). Esta capacidade cognitiva de categorização reflecte-se na nomeação das categorias e dos elementos, definidos não em função da exibição de um conjunto de traços essenciais, mas antes do seu maior ou menor grau de representatividade da categoria em que se inserem;
- ?? a estreita relação entre a Sintaxe e a Semântica (nesta abordagem linguística é atribuído um significado próprio às estruturas sintácticas, independentemente dos elementos lexicais e morfológicos que as preenchem);
- ?? a base pragmática da relação entre linguagem e pensamento, onde se destaca o interesse suscitado pelos universais linguísticos, que traduzem tendências universais do processo de conceptualização;
- ?? os mecanismos cognitivos de conceptualização e expressão da realidade, entre os quais se inserem os modelos cognitivos e culturais, a metáfora e a metonímia conceptuais ou os esquemas de imagens.

É este último ponto que interessa aqui desenvolver. Para este fim tomar-se-ão por base os trabalhos George Lakoff (as obras *Metaphors we live by*, de 1980, em co-autoria com Mark Johnson, *Women, Fire*

and Dangerous Things, de 1987, e artigos posteriores do autor sobre a metáfora em geral – *The contemporary theory of metaphor*, de 1993 – e a sua aplicação ao domínio conceptual das emoções – *The cognitive model of anger inherent in American English*, em co-autoria com Zoltan Kövecses, de 1987). Para o estudo da contribuição da metáfora na conceptualização das emoções, constituem referência incontornável os trabalhos de Kövecses (1986, 1990 e 1995). Para além destes textos, seguir-se-á ainda o ‘booklet’ *Whole Language, Whole Person*, de Maya Pentcheva e Todor Shopov (1999), um compêndio de metodologia de abordagem de línguas estrangeiras, que constitui o suporte teórico de base aos dossiers de formação de professores desenvolvidos no âmbito do Projecto LINGUA *Echanger pour Changer*, que será apresentado numa outra comunicação prevista neste simpósio. Deste livro consta uma análise dos princípios subjacentes ao ensino de LE, contando-se entre os princípios linguísticos e cognitivos a atenção que deve ser dispensada ao papel de estruturas cognitivas específicas, como a metáfora conceptual.

3. A Teoria Contemporânea da Metáfora Conceptual

Retomemos o título desta comunicação. Vimos já que não é preciso revelar grande mestria na escolha das palavras para dizer que A VIDA É UMA VIAGEM. Da mesma forma, chegar ao significado de expressões como as que a seguir se apontam, será certamente pouco problemático:

Diz-se de alguém ambicioso, que sabe onde quer *chegar* na vida. Assim sendo, *traçará* para si próprio *um caminho*. Deparar-se-á certamente com algumas *encruzilhadas* no seu *percurso* e terá também de *ultrapassar alguns obstáculos*. Por vezes sentirá que está *num beco sem saída*. Poderá ainda haver momentos em que decide dar *um novo rumo* à sua vida e não deixará que ninguém *se cruze no seu caminho*. No final dirá que *passou por* muito, mas que *chegou a um ponto* na vida onde poderá finalmente *descansar, olhar para trás* e recordar a forma como *percorreu as várias etapas* da sua existência.

A expressões assinaladas em itálico pertencem ao domínio espacial e retratam aspectos vários de uma viagem, entendida como um evento da esfera das experiências concretas. Ao recorrermos a expressões como estas para nos referirmos à vida, falamos desta como de uma viagem, logo entendemo-la, concebemo-la como uma viagem. Ou seja, a análise da forma como falamos da vida é o reflexo da forma

como pensamos a vida, como conceptualizamos esta realidade 'abstracta', aproximando-a de uma referência concreta. Esta transferência de um domínio conceptual concreto, cujo conhecimento advém da experiência mais directa, física até, sobre ele, para a conceptualização de um domínio abstracto, constitui a essência da metáfora conceptual. Deste modo, muito além do valor retórico, a metáfora adquire um valor conceptual de projecção da estrutura de um domínio concreto num domínio abstracto da experiência. Esta projecção (também designada por mapeamento, uma tradução da versão inglesa, 'mapping') é unidireccional: parte do domínio da experiência física (domínio de origem) para a esfera de entidades abstractas (domínio alvo). O mapeamento implica a projecção da estrutura dos domínios envolvidos e uma correspondência ontológica estreita, segundo a qual as entidades do domínio alvo da conceptualização correspondem a entidades específicas do domínio de origem.

Voltando à metáfora conceptual A VIDA É UMA VIAGEM, vemos que os elementos incluídos na estrutura de uma viagem (ponto de partida, destino, obstáculos no percurso ou outros) estão presentes na conceptualização do domínio de chegada, a vida:

- ?? a *pessoa* corresponde ao *viajante*;
- ?? os *objectivos da vida* são os *destinos da viagem*;
- ?? as *dificuldades da vida* são os *obstáculos* ou impedimentos ao prosseguimento da viagem.

É a coerência estruturada da analogia entre domínios do conhecimento que faz com que a metáfora faça sentido intuitivamente, por um lado, e que limita também as possibilidades dos seus vínculos ao domínio de origem, por outro. Deste modo, alargar a metáfora conceptual em causa para conceber a fase de existência antes do nascimento e a morte como dois percursos complementares ao ciclo da vida, apenas ajuda a corroborar a exactidão expressiva que encontramos ao conceptualizar e exprimir a vida como uma viagem. Algumas expressões ajudam a tornar claro este argumento:

Ela <i>espera</i> um filho.	Ele <i>já não está connosco</i> .
O bebé <i>está a caminho</i> .	Ele <i>partiu</i> .
Ela <i>trouxe</i> um filho ao mundo.	Ela <i>deixou-nos</i> .

Convém neste ponto fazer uma referência breve à distinção que é necessário estabelecer entre o nome do mapeamento (A VIDA É UMA

VIAGEM) e o mapeamento em si, ou seja, o conjunto de correspondências entre os domínios VIAGEM e VIDA. É também importante distinguir entre a metáfora conceptual propriamente dita (o mapeamento que designamos A VIDA É UMA VIAGEM) e as expressões metafóricas que resultam da aplicação desse mapeamento (como as que vimos há pouco).

Resumindo o que foi dito até aqui, a análise de expressões metafóricas recorrentes no discurso quotidiano revela que nos apoiamos em modelos do mundo concreto para conceptualizar fenómenos abstractos. Isto acontece não só por uma questão de economia conceptual pela rentabilização da estratégia cognitiva eficaz que é a metáfora, mas também porque ao estabelecer uma ligação cognitiva entre estados de coisas abstractos e domínios da experiência concretos, asseguramos não só a eficiência e a expressividade do discurso (cf. Blank 1999), mas através destas a felicidade de um acto de comunicação bem sucedido (cf. noção de felicidade conversacional – “bonheur conversationnel” de Auchlin 1993).

A metáfora conceptual que analisámos até aqui é um exemplo de um dos três tipos de transferência metafórica que Lakoff em Johnson descrevem na sua tipologia: a **metáfora estrutural**. Segundo os autores, este grupo particular de metáforas consiste na estruturação metafórica de um conceito em termos de um outro, que se projecta sobre aquele. Ainda dentro deste tipo podemos encontrar outras metáforas:

TEMPO É DINHEIRO	Não <i>percas</i> mais tempo com este assunto. Este novo programa vai permitir <i>poupar</i> horas de trabalho. Por vezes tenho dificuldades em <i>gerir</i> o meu tempo. Não posso <i>investir</i> mais tempo neste projecto.
UM DEBATE É UMA BATALHA	O deputado <i>defendeu-se</i> das <i>fortes críticas lançadas</i> pela bancada. O entrevistado <i>contra-atacou</i> com o documento que trouxera.
O CORPO É UM CONTENTOR	Estava <i>a transbordar</i> de alegria. Sentiu-se <i>vazio</i> .

Um segundo tipo de metáforas, as **metáforas orientacionais**, implicam a organização de conceitos pela relação que estabelecem entre si e partem da experiência corporal, física sobre o espaço. Alguns exemplos destas relações de orientação espacial são EM CIMA - EM BAIXO, DENTRO - FORA ou À FRENTE - ATRÁS:

O BEM ESTÁ EM CIMA Tudo <i>em cima</i> ? (P. Do Brasil)	O MAL ESTÁ EM BAIXO Hoje estou um bocado <i>em baixo</i> .
O BEM ESTÁ À FRENTE Há que <i>seguir em frente</i> . Ele <i>está à frente</i> dos negócios.	O MAL ESTÁ ATRÁS Ele chumbou, <i>ficou para trás</i> .

A oposição metafórica baseada na relação espacial EM CIMA - EM BAIXO regista várias extensões, como a oposição entre razão e emoção ou controlo e subserviência.

O último tipo de metáfora conceptuais, as **metáforas ontológicas**, baseia-se na nossa experiência de objectos ou substâncias físicas, em função das quais lidamos com noções abstractas. Um exemplo é a metáfora O TEMPO É UM CONTENTOR:

Estou de volta *dentro de três dias*.
Terminou o trabalho *num curto espaço de tempo*.
Ele chegou *fora de horas*.

A metáfora assume, assim, um valor cognitivo que vai muito além da sua importância estilística. Mais do que uma estratégia de palavras, a metáfora é uma estratégia conceptual, que funciona em primeira mão ao nível do pensamento humano. Ou seja, a metáfora é uma forma de pensar o mundo, e ao dizer a metáfora os conceitos abstractos tornam-se mais acessíveis à compreensão. Uma breve reflexão acerca da nossa linguagem de todos os dias bastará para que nos apercebamos da verdadeira amplitude desta estratégia conceptual. Lakoff (1993) vai ainda mais longe, ao defender que do conhecimento mundano às teorias científicas, muito do nosso conhecimento depende da capacidade de entendermos conceitos abstractos com base na parte não metafórica do nosso sistema conceptual. Esta capacidade cognitiva permite-nos dar estrutura a conceitos não estruturados. Consideremos ainda alguns exemplos:

COMPREENDER É VER	Não <i>estou a ver bem</i> o que estás a dizer. <i>No meu ponto de vista</i> , este assunto está encerrado.
VER É TOCAR	Não consigo <i>tirar</i> os olhos dela. Está há horas <i>colado</i> ao ecrã.
O AMOR É UMA VIAGEM	O Luís <i>anda com</i> a Teresa. Aqueles dois <i>não vão a lado nenhum</i> . Olha só <i>onde chegámos</i> . Agora já <i>não podemos voltar atrás</i> .

O último exemplo, do domínio das emoções, é extensivamente comentado por Lakoff (1993), que além de descrever as correspondências ontológicas entre os dois domínios cognitivos, refere ainda que as eventuais novas extensões da metáfora conceptual são compreendidas de imediato, sem levantar problemas de conceptualização. Assim, por exemplo, quando ouvimos letras de canções novas como “*We’re driving in the fast lane on the freeway of love*” (exemplo apontado por Lakoff, 1993) ou “*Love is a highway, I wanna ride it all night long*”, a compreensão do cenário em causa não levanta dificuldades, porque há coerência e sistematicidade entre estas novas extensões e a metáfora na sua origem.

Já aqui foi referido que o grau de eficácia de expressões metafóricas no discurso tem que ver com o facto de assentarem numa base experiencial concreta, o que depressa nos permite obter uma imagem mental de um conceito abstracto e de o dotar de uma estrutura que de outro modo seria difícil encontrar nele. Assim, pensar o tempo como se fosse dinheiro, permite-nos *poupá-lo, rentabilizá-lo, geri-lo*, ou seja, tratá-lo como um recurso limitado ou uma comodidade valiosa, da mesma forma como encaramos o dinheiro. No entanto, o que é para nós uma verdade, pode não ser aplicável noutras culturas. O valor atribuído ao tempo ao compará-lo com o dinheiro é uma visão baseada na subcategorização do tempo nas sociedades ocidentais. A questão seguinte é então ver se é plausível considerar o carácter universal das metáforas conceptuais.

Se se pensar que os domínios de origem dos mapeamentos metafóricos são domínios concretos, de base experiencial física, que advêm em primeira linha da nossa experiência mais imediata do mundo, então poderíamos concluir que as metáforas conceptuais são universais, já que a experiência de base física da realidade é comum a toda a espécie. Contudo, pensar com mais cuidado nesta experiência sobre o mundo implica igualmente reconhecer o papel e a influência que a cultura da comunidade onde estamos inseridos exerce até sobre as experiências mais básicas, como a do contacto com o tempo. Deste modo, se o processo de conceptualização de base metafórica é universal (a prová-lo estão estudos vários de Wierzbicka ou de Lakoff), os domínios conceptuais de partida dessa conceptualização são em parte motivados pelo alcance da influência cultural específica.²

² É interessante analisar as perspectivas de Kövecses (1995), por um lado e Geeraerts e Grondelaers (1995), por outro, sobre a conceptualização da raiva, enquanto emoção básica. Kövecses aponta apenas a base experiencial física na origem

Assim, as metáforas conceptuais que ultrapassam os limites das diferentes culturas particulares, prendem-se com experiências básicas do mundo, que não estão dependentes de visões culturais da realidade. Entre estas metáforas básicas, podemos encontrar as seguintes (em sintonia com Pentcheva e Shopov, 1999):

ESTADOS SÃO LOCALIZAÇÕES
 EVENTOS SÃO ACÇÕES
 PESSOAS SÃO PLANTAS
 PESSOAS SÃO CONTENTORES
 A VIDA É UMA VIAGEM

Cada comunidade linguística trata então de elaborar estes esquemas metafóricos de base, alargando-os a outras metáforas conceptuais, onde já é possível reconhecer uma influência cultural específica. Apesar das variações é, no entanto, possível reconhecer muitas semelhanças entre línguas faladas por comunidades que partilham valores culturais mais abrangentes. Que o tempo é dinheiro, por exemplo, não é só verdade para a comunidade linguística e cultural portuguesa. Noutras comunidades é possível reconhecer precisamente a mesma conceptualização do tempo, bastando para tal atentar a algumas expressões metafóricas omnipresentes no discurso quotidiano:

	Português	Inglês	Alemão	Francês
TEMPO É DINHEIRO	Poupar tempo Gastar tempo	To save time To spend time	Zeit ersparren Zeit verschwenden	Sauver du temps Dépenser du temps

O suporte cultural comum a estas expressões metafóricas recorrentes na referência ao tempo é o que se designa por 'cultura

da conceptualização desta emoção, o que torna a sua nomeação igualmente semelhante em línguas tão distantes como o Inglês americano, o Japonês, o Chinês, o Húngaro ou o Wolof, falado no Senegal (cf. Kövecses, 1995). Já Geeraerts e Grondelaers são cépticos quanto à exclusividade dos factores físicos neste processo. Assim, referem que muito do que nos é dado a conhecer da conceptualização da raiva pela análise da sua expressão linguística, revela a forte e inegável influência de factores culturais na sua conceptualização. Só esta influência permite entender, por exemplo, a alusão, na expressão de emoções como a raiva, aos fluidos corporais ou humores, como é visível em expressões como *Ter o sangue quente* ou *Ter um ódio fígadal a alguém*. Contudo, e ainda que aponte para uma direcção diferente, o estudo de Geeraerts e Grondelaers não exclui a influência de factores experienciais na conceptualização.

ocidental', em que as diferentes comunidades linguísticas partilham valores comuns. Assim sendo, não causa estranhamento que a referência ao tempo se faça pela aproximação ao domínio concreto do dinheiro.

4. A Metáfora Conceptual: da Linguística à Didáctica

Após esta descrição, necessariamente breve, da teoria contemporânea da metáfora, que realça o seu valor cognitivo antes de qualquer outra função, chegamos à questão que esteve presente desde o início: em que medida é que se pode aplicar o conhecimento acerca deste processo cognitivo ao contexto concreto do ensino e aprendizagem de uma língua estrangeira?

Antes de tudo, arriscamos dizer que nunca como agora a Linguística pode ser tão aplicada. Já há algum tempo que os processos cognitivos têm vindo a ser considerados no âmbito de correntes metodológicas e didácticas como factores centrais e inalienáveis do processo de aprendizagem de uma nova língua. Porém, há que considerar a sua relevância antes de mais na aquisição e uso da língua materna, uma vez que aprender uma língua estrangeira não é começar de novo, mas antes acrescentar algo à competência linguística já existente, como afirmam Pentcheva e Shopov (1999, p. 28):

“The learning of a second language is rather a question of increasing a repertoire, or learning a set of alternatives for something they already know.”

Ora a língua materna é o primeiro meio de contacto com a realidade, a primeira perspectiva sobre aquela. A língua não é o reflexo da realidade, mas antes uma visão possível desta, ou, como afirmam os autores, (Pentcheva e Shopov, op. cit, p. 9), uma “*Picture of the world*”. Cada língua oferece uma visão possível da realidade, simultaneamente subjectiva e colectiva, e não um mero reflexo daquela. Aprender uma língua estrangeira é, pois, adquirir uma nova visão da realidade, olhar para esta de uma perspectiva diferente. Ou, em termos da Linguística Cognitiva, entrar num novo domínio conceptual. As diferentes imagens do mundo, que nos oferecem as várias línguas, não são necessariamente opostas ou incompatíveis. Pelo contrário, uma vez que assentam em princípios e mecanismos

cognitivos comuns, é possível reconhecer semelhanças entre línguas diametralmente opostas.³

Um desses mecanismos cognitivos é precisamente a metáfora. O nosso sistema conceptual revela uma estrutura metafórica, embora não estejamos dela normalmente conscientes. No entanto, isso não impede que não recorramos a essa estratégia ao usar a língua, da mesma forma que recorremos a princípios fonológicos ou a regras de sintaxe.

No caso particular das línguas estrangeiras ensinadas no contexto português (referem-se aqui as mais recorrentes, Inglês, Alemão e Francês), e dado que partilham a origem e as comunidades linguísticas revelam afinidades em termos culturais (um filtro de valores e crenças que determinam as imagens do mundo que as línguas veiculam), é pela consciência destes traços comuns que deve começar a aplicação do nosso conhecimento acerca da linguagem, no contexto particular do ensino/aprendizagem destas línguas.

É importante começar pela consciencialização de que a aprendizagem de uma nova língua se faz na base do conhecimento de um primeiro idioma. Ao contrário do que aconteceu em momentos determinados do desenvolvimento de metodologias de ensino de língua estrangeira (LE), a língua materna (LM) não pode ser encarada como um tabu na aula de LE, mas antes como o porto seguro onde é possível e até desejável ancorar o novo conhecimento. Aprender uma coisa nova através da associação a algo já conhecido não é apenas fonte de segurança para o aluno, mas oferece igualmente mais garantia de sucesso da aprendizagem do que a apresentação isolada de novos conhecimentos.

No caso particular da expressão linguística de metáforas conceptuais como as que vimos, o reconhecimento da importância desta estratégia conceptual no uso quotidiano da LM é o primeiro passo a dar. A partir desta consciencialização é possível trabalhar na LE, estabelecendo redes de referência, que nos permitam abordar novos campos lexicais e explorar as potencialidades das extensões da metáfora conceptual na LE, confrontando-as com o que acontece na LM. Trabalhar (ou quase 'jogar') com a língua a este nível dá ao aprendente uma sensação de domínio do desconhecido, que, no mínimo, ajudará a ultrapassar medos e a cultivar a autoconfiança e, além disto testar a sua criatividade. Embora não se pretenda aqui avançar com receitas infalíveis, pode adiantar-se uma sugestão (válida para o Inglês, o Alemão e o Francês). Partindo da associação das

³ De novo aqui se remete para a análise de expressões da raiva em línguas distantes, de que dá conta Kövecses (1995).

emoções a elementos concretos como as cores, a temperatura ou actividades culinárias, é possível levar os alunos a interpretar (ou até mesmo, numa fase posterior, a criar) expressões metafóricas na LE para exprimir as emoções. Antes disso, contudo, haverá decerto a necessidade de uma breve referência à LM, devidamente ilustrada com exemplos. Poderão então surgir expressões como:

Derreteu-se todo.

Estava a *fervilhar* de emoção.

É uma pessoa *fria*.

Tem o *sangue quente*.

INGLÊS	ALEMÃO	FRANCÊS
She's got a <i>hot temper</i> .	ein <i>hitziges</i> Temperament haben; sich <i>schwarz</i> ärgern	Elle a <i>le sang chaud</i> .
Be <i>cool</i> !	Sei <i>cool</i> !	Sois <i>cool</i> !
To <i>boil</i> with indignation.	<i>Dampf</i> ablassen	<i>Bouillir</i> d'indignation.

Desenvolver actividades deste tipo é cultivar a criatividade cognitiva e semântica de maneira diferente do habitual, ou seja, exercer um domínio consciente acerca das estruturas conceptuais subjacentes à língua. Deste modo, o reconhecimento e a utilização destes mecanismos na LE implicam não só que se aprenda a língua, mas também que se aprenda algo sobre a língua.

A curiosidade e as potencialidades de trabalho a partir das estruturas cognitivas subjacentes à linguagem ficarão em aberto. Pretendeu-se, sobretudo, chamar a atenção para a nova perspectiva sobre a linguagem enquanto faculdade em interacção com outras capacidades cognitivas, como a conceptualização, tal como defende a Linguística Cognitiva. Abre-se todo um caminho de aplicação dos contributos deste novo paradigma, e o importante é que cada professor de LE, na sua polivalência, esteja consciente da sua curiosidade enquanto especialista em Linguística, da sua ousadia de metodólogo e do desafio que a sua própria prática pedagógica constantemente lhe impõe. Procurar a interacção entre estas várias componentes da sua formação é decerto o ponto de partida de um longo caminho a percorrer numa abordagem diferente e inovadora do ensino/aprendizagem de línguas estrangeiras. Afinal, a viagem só há pouco começou...

Referências Bibliográficas

- ALMEIDA, M. C. (1995) *Transitividade e Trajectória nas Concepções de abrir e de cortar em Português e Alemão: Análise Prototípico-analogista*, Lisboa, Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras.
- AUHLIN, A. (1993) "Au petit bonheur du bien dire. Note sur le traitement du 'bien dire' en analyse pragmatique du discours", *Cahiers de Praxématique*, 20, Montpellier, Praxiling, 58-85.
- BATORÉO, H. J. (1996) *Contribuição para a Caracterização da Interface Expressão Linguística – Cognição Espacial no Português Europeu: Abordagem Psicolinguística da Expressão do Espaço em Narrativas Provocada*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, Fundação para a Ciência e a Tecnologia.
- BLANK, A. (1999) "Why do new meanings occur? A cognitive typology of the motivations for lexical semantic change" in BLANK, A. – KOCH, P. (Eds.) *Historical Semantics and Cognition*, Berlin, New York, Mouton de Gruyter, 61-89.
- DAMÁSIO, A. (1995) *O Erro de Descartes. Emoção, Razão e Cérebro Humano*, Mem Martins, Publicações Europa-América.
- FAUCONNIER, G. (1997) *Mappings in Thought and Language*, Cambridge, Cambridge University Press.
- FAUCONNIER, G. – SWEETSER, E. (Eds.) (1996) *Spaces, Worlds and Grammar*. Chicago, London, The University of Chicago Press.
- GEERAERTS, D. (1997) *Diachronic Prototype Semantics: A Contribution to Historical Lexicology*, Oxford, Clarendon Press.
- GEERAERTS, D. et alii. (1994) *The Structure of Lexical Variation: Meaning, Naming and Context*, Berlin, Mouton de Gruyter [Cognitive Linguistics Research 5].
- GEERAERTS, D. – GRONDELAERS, S. (1995) "Looking back at anger: cultural traditions and metaphorical patterns" in TAYLOR, J. – MACLAURY, R. (Eds.) *Language and the Cognitive Construal of the World*. Berlin, New York: Mouton de Gruyter, 153-179.
- GIBBS, R. W. (1996) "What's cognitive about cognitive linguistics?" in CASAD, E. (Ed.) *Cognitive Linguistics in the Redwoods. The Expansion of a New Paradigm in Linguistics*, Berlin, Mouton de Gruyter, 27-53.
- JOHNSON, M. (1987) *The Body in the Mind. The Bodily Basis of Meaning, Imagination, and Reason*, Chicago and London, The University of Chicago Press.
- KÖVECSES, Z. (1986) *Metaphors of Anger, Pride and Love. A Lexical Approach to the Structure of Concept*, Amsterdam, John Benjamins.
- KÖVECSES, Z. (1990) *Emotion Concepts*, New York, Springer.
- KÖVECSES, Z. (1995) "Anger: Its language, conceptualisation and physiology in the light of cross-cultural evidence" in TAYLOR, J. – MACLAURY, R. (Eds.) *Language and the Cognitive Construal of the World*, Berlin, New York, Mouton de Gruyter, 181-196.
- LAKOFF, G. (1987) *Women, Fire and Dangerous Things: What Categories Reveal about the Mind*, Chicago, The University of Chicago Press.
- LAKOFF, G. (1993) "The contemporary theory of metaphor" in ORTONY, A. (Ed.) *Metaphor and Thought*, Cambridge, Cambridge University Press, 202-251.

- LAKOFF, G. – JOHNSON, M. (1980) *Metaphors We Live By*, Chicago, The University of Chicago Press.
- LANGACKER, R. (1987) *Foundations of Cognitive Grammar*, Vol. I: *Theoretical Prerequisites*, Stanford, California, Stanford University Press.
- LANGACKER, R. (1991) *Foundations of Cognitive Grammar*, Vol. II: *Descriptive Application*, Stanford, California, Stanford University Press.
- LIMA, J. P. (1989) “*Significado avaliativo*”: *para uma clarificação à luz de uma semântica prática*, Lisboa, Universidade Lisboa, Faculdade de Letras, 2 vol.
- PENTCHEVA, M. – SHOPOV, T. (1999) *Whole Language, Whole Person: A Handbook of Language Teaching Methodology*. (A aguardar publicação no âmbito do Projecto LINGUA A *Echanger pour Changer*.)
- SILVA, A. S. (1995) “A gramática cognitiva: Apresentação e uma breve aplicação”, *Diacrítica* 10, 83-116.
- SILVA, A. S. (1996) “Dos conceitos lexicais aos conceitos gramaticais. Aspectos da gramaticalização”, *Diacrítica* 11, 113-138.
- SILVA, A. S. (1997) “A Linguística Cognitiva. Uma breve introdução a um novo paradigma em linguística”, *Revista Portuguesa de Humanidades* vol. 1 – 1/2, Braga, Faculdade de Filosofia da U.C.P.
- SILVA, A. S. (1999) *A Semântica de Deixar. Uma Contribuição para a Abordagem Cognitiva em Semântica Lexical*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, Fundação para a Ciência e a Tecnologia.
- TALMY, L. (1988) “Force dynamics in language and cognition”, *Cognitive Science* 12, 49-100.
- WIERZBICKA, A. (1992) *Semantics, Culture and Cognition*, Oxford, Oxford University Press.
- WIERZBICKA, A. (1996) *Semantics – Primes and Universals*, Oxford, Oxford University Press.